



ARTISTA-PROFESSOR: PRÁTICAS EM UMA OBRA-AULA

ORIENTANDA:
MONIQUE PIRES DE SOUSA

ORIENTADOR:
CHRISTUS MENEZES DE NÓBREGA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

ARTISTA-PROFESSOR: PRÁTICAS EM UMA OBRA-AULA

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Universidade de Brasília como
parte das exigências para a obtenção do título
de Habilitação de Licenciatura em Artes
Visuais do Instituto de Artes da UnB.
Orientadora: Prof. Dr. Christus Menezes
Nóbrega.

BRASÍLIA DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ARTISTA-PROFESSOR: PRÁTICAS EM UMA OBRA-AULA

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr: Christus Menezes da Nóbrega. UnB

Presidente

Prof^a. Dr^a: Luisa Günther. UnB

Membro

Prof. Dr: Luiz Oliviere. UFG

Membro

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Universidade de Brasília como
parte das exigências para a obtenção do título
de Habilitação de Licenciatura em Artes
Visuais do Instituto de Artes da UnB.
Orientadora: Prof. Dr. Christus Menezes
Nóbrega.

BRASÍLIA DF

2021

RESUMO

Monografia desenvolvida a partir de experiências pessoais da autora com a educação, visando apontar o poder do ensino transformador para com o indivíduo e toda a sociedade a qual ele está inserido, elaborando uma estratégia artística e pedagógica. Este trabalho irá abordar a atuação do Artista-professor e os aspectos da educação relacionados a essa prática profissional nas instituições de ensino. Elencando assuntos como a importância das atividades práticas no desenvolvimento do indivíduo e a democratização da produção cultural. O produto da pesquisa é a construção de um projeto de Obra-aula, que utilizará de temas intimistas, autorretrato e cotidiano, para transformar o espaço da escola em ateliê, promovendo atividades artísticas e pedagógicas que irão ajudar na construção da identidade do aluno.

Palavras-Chaves:

Artista-professor. Obra-aula. Identidade. Fotografia. Artista-aluno.
Cotidiano.

SUMÁRIO

Introdução	5
Capítulo 1	10
1.1 Atividades práticas na aula de artes – um estudo de caso na biblioteca infantil	11
1.2 Autorretratos na educação	14
1.3 Artista-professor	19
Capítulo 2	24
1.1 Meus Trabalhos	25
1.2 Dia de Faxina	29
1.3 Almoço de Domingo	35
1.4 Obra-aula	39
Conclusão	43
Referência	46

INTRODUÇÃO

“O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece.”

Manuel Bandeira, Testamento, 1967.

Em minha vivência na Educação Básica como aluna de Escola Pública eu nunca tive a oportunidade de ter em sala de aula um artista-professor. O ensino de arte que recebi em sua maior parte do tempo eram estudos majoritariamente teóricos, todos os dias eram apresentados artistas diferentes que foram importantes na história da arte e suas obras mais relevantes. Aulas que tivessem propostas de trabalhos práticos eram raras, quando acontecia se tratava apenas de atividades isoladas, como “faça um desenho estilo Picasso”, ou eram aulas de trabalhos manuais e artesanato.

Lembro uma vez, que um dos meus professores de arte movimentou todos os alunos da escola, montando grupos de quatro alunos, para criarem a partir de latas grandes de tintas, utilizadas em reformas e construções, lixeiras para todas as salas de aulas da escola. Este trabalho se resumia em ornamentar essas latas de tinta com retalhos de pano de tecidos estampados de roupas velhas e calças jeans. Recordo que eu não conseguia associar o que eu via e aprendia diariamente, sobre os conceitos do que era arte, os famosos artistas, suas obras mais importantes, com essas raras atividades práticas que eu produzia com meus colegas, portanto não me via como artista. Consequentemente, minha compreensão do que era arte, do que era ser um artista e produtor de arte, era algo muito distante de mim na condição de aluna, algo difícil de alcançar, difícil de encontrar. Dentro de mim existia uma necessidade de aproximação da arte, um fascínio e desejo de conhecer mais, me aproximar mais, algo latente, um incômodo.

Quando decidi me formar como licenciada em Artes Visuais, ainda assim não tinha uma ideia crítica formada sobre esse incômodo com a minha formação na educação básica. Mas esse incômodo existia, estava ali, eu entendi que queria ser professora, queria poder fazer diferente, ser a diferença, poder oferecer o

que não tive e sanar o que me incomodou à outras pessoas, mas não conseguia visualizar de forma clara quais seriam essas mudanças que deveriam acontecer.

Mas somente quando de fato eu ingressei na Universidade de Brasília - UnB e comecei a ter aulas, conhecer os meus colegas e professores e viver a formação do educador, que realmente entendi o que eu deveria fazer de diferente. O que antes era uma sensação de falta, com a oportunidade de conhecimento que a UnB me proporcionou, se tornou matéria dentro da minha consciência, eu pude entender falhas, definir de forma clara pontos que deveriam ser criticados na educação artística dentro e fora das escolas, ou seja, desenvolvi minha visão crítica acerca de muito do que envolve ser educador no Brasil.

A educação transforma uma expressão tão usada que pode ter virado um clichê, mas não deixa de ser profundamente verdadeira, pois vejo sua verdade em mim. É muito básico você ter consciência daquilo que te incomoda, você entender o que te aflige é a única forma de conseguir mudar para algo que te conforta, mas mesmo sendo básico nem todos nós temos a oportunidade de entender nossos incômodos. O meu incômodo só tive oportunidade de conhecer quando consegui frequentar o ensino superior, da forma mais brilhante, a educação me transformou em educadora. Acredito que a maior forma de externar a minha gratidão aos meus professores e toda a minha comunidade acadêmica é perpetuar a educação, minha escolha é ser professora.

Formar-se Educador, envolve não só apenas se tornar um professor preparado para dentro da sala de aula, mas também para entender como será tratado fora dos limites da escola. Como o seu país te acolhe como professor? Qual é o seu valor profissional? Como a educação no seu país é tratada? São questões pertinentes a sua formação e atuação como educador.

No Brasil não é novidade que na educação faltam recursos básicos e fundamentais e que os professores não são devidamente tratados e remunerados, não precisei entrar na universidade e começar estudar

licenciatura para entender que existe uma luta constante para a educação ser valorizada e receber investimentos e recursos. Como estudante de escola pública, era muito fácil entender todas essas dificuldades que os funcionários e dependentes da educação pública enfrentam. Se acontecer qualquer imprevisto no meu país, uma crise, uma pandemia, que é o caso atual, o primeiro setor que sofre cortes de gastos é a Educação e Cultura, sua verba sempre é a primeira a ser diminuída e ameaçada, evidenciando o grau de importância que o governo dá para o nossos profissionais, escolas e universidades. Podemos ilustrar esse cenário com uma das inúmeras falas que nossa atual presidente, Jair Bolsonaro, manifesta sua aversão aos educadores nacionais e suas instituições.

Dilma fez um concurso para 100 mil, na educação, eu não vou entrar em detalhes aqui, mas o Estado foi muito inchado. Não quero dizer que não precise de Professor, mas o excesso atrapalha." (BRASIL. Presidente, Jair Messias Bolsonaro.)

Criticar negativamente um Governo anterior por ter contratado professores para a educação pode parecer cômico, mas quando visualizamos que é uma fala vinda do Presidente da República, o que podemos sentir é muita preocupação. O estado é considerado inchado, sendo que o real quadro é a falta de professores efetivos, o pouco que temos é chamado de excesso, sendo ainda um excesso que atrapalha aos olhos do Presidente. Cultura e Arte são colocadas no mesmo descaso da educação, sofrendo os mesmos preconceitos do Governo. Sempre ameaçadas por uma diminuição, consideradas de menor importância, nunca sendo prioridade de investimento e recursos, subestimada em suas funções sociais. Nós, professores de artes, somos esse "excesso" que atrapalha até um pouco mais, somos questionados por sermos professores e por lecionar artes.

Arte e Educação têm como uma de suas características em comum a libertação do indivíduo, forte impulsoras de pensamentos críticos, conseqüentemente, a educação artística se torna indesejável, inconveniente, para qualquer governo que tem como seu interesse manter seu povo alienado e controlado.

O ensino de artes na educação básica é necessário para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica do aluno, bem como para despertar nele saberes sensíveis para com a sociedade em que vive. Segundo Buoro (2000), a finalidade da arte na educação é contribuir na formação de indivíduos mais críticos e criativos, que atuarão na transformação da sociedade. (BIESDORF, Rosane Kloh. WANDSCHEER, Marli Ferreira.)

Um episódio ameaçador para a educação vivido durante o Governo de Michel Temer em 2016 se iniciou quando o Ministro da Educação, Mendonça Filho, por meio de medida provisória nº 746, realizou uma tentativa de restringir a obrigatoriedade de artes apenas para a Educação infantil e fundamental, sendo para o ensino médio uma matéria facultativa. Mais uma tentativa em baratear a educação e prejudicar a formação de cidadãos autônomos, críticos e reflexivos. Educação Física, Sociologia e Filosofia, sofreram a mesma ameaça também nesta medida provisória, a consulta pública, que agora está encerrada, teve 4.551 votantes a favor e 73.554 votantes contra esta medida provisória. Houve manifestações de repúdio à reforma do ensino médio, não teve aceitação popular e foi duramente criticada por professores e profissionais da educação, conseqüentemente o governo voltou atrás e manteve as matérias obrigatórias.

Nosso currículo de artes direcionado ao Ensino Médio é voltado a preparar os alunos para a realização de provas como o ENEM, PAS e demais vestibulares. Lecionar Artes no ensino médio envolve o cumprimento dos conteúdos constantes neste currículo, o qual tem que ser administrado em um tempo limitado de aula a ser executada. Portanto, existe a dificuldade que muitos professores de arte têm em conciliar a grande demanda de informações da teoria e história da arte que fazem parte do extenso currículo educacional imposto e ainda desenvolver atividades práticas, inclusivas e que promovam o desenvolvimento do aluno como artista, pois a matéria de artes não se resume apenas em conteúdo teórico, mas a formação de possíveis artistas deve ser incentivada com atividades práticas também.

Além do estudo teórico, atividades práticas de criação artística também são de especial interesse em uma educação emancipadora. Seja em ambientes que se propõem a formar artistas profissionais, seja em outros tipos de espaços de educação, a prática artística permite ao educando, em maior ou menor medida, vivenciar a liberdade criativa que o campo artístico permite aos seus agentes. No contexto escolar, por exemplo, provavelmente os educandos terão mais legitimidade para reivindicar liberdade criativa em atividades artísticas do que em atividades de outros tipos. (Sayão, Bruno. Artigo 2019)

Mas podemos observar pela construção do currículo educacional, pelos incentivos do Governo quando se trata de arte, cultura, educação e observando como a matéria de artes é cobrada em prova, como é no ENEM, no PAS, ou vestibulares em geral, fica óbvio que não existe uma política interessada em criar artistas no Brasil. Ser artista é resistência, ser professor é uma luta constante, ser artista-professor é uma afronta. Sou Artista, vou ser professora, não tenho a mínima intenção de anular nenhum desses meus papéis, são duas partes de mim que mais do que se completam, são indivisíveis, pois se trata da mesma parte que compartilham da mesma essência pedagógica.

O objetivo deste trabalho é construir um projeto de aula onde o artista-professor possa exercer ambos os papéis, fazendo da sala de aula espaço para ateliê sem perder o compromisso com o desenvolvimento do aluno. Desta forma, os alunos e o professor, serão autores de obras de arte, a qual será fruto da estratégia pedagógica proposta nesta monografia, que visa engrandecer a produção cultural da comunidade onde a escola está inserida, permitindo que os alunos se enxerguem como indivíduos ativos dentro da sociedade e que entendam a importância do fazer artístico para se expressar e posicionar nela.

De forma estrutural, a monografia vai se dividir em dois capítulos, o primeiro, dividido em três tópicos, tem foco tratar sobre a) a importância das atividades práticas no ensino das artes; b) o autorretrato como instrumento pedagógico e c) o artista-professor. O segundo capítulo, será dividido em quatro tópicos, irá abordar a) meus trabalhos artísticos de forma geral; b) a obra Dia de faxina, e c) a obra Almoço de domingo e por último, d) a obra-aula. Com essa estrutura quero dispor das principais áreas de discussão acerca do projeto da aula e melhor desenvolver um texto didático, claro e acessível.

CAPÍTULO 1

O primeiro capítulo irá dispor da parte do referencial teórico, que será dividida em três tópicos. O primeiro tópico irá explicar a importância das atividades práticas na emancipação do indivíduo. O segundo irá significar o uso do tema autorretrato para as obras que serão realizadas e seu vínculo com a construção e consciência da identidade do aluno. O terceiro tópico irá tratar o conceito de artista-professor, sua relevância para a instituição escolar e o que ele pode acrescentar no ensino das artes.

1.1 ATIVIDADES PRÁTICA NA AULA DE ARTES - UM ESTUDO DE CASO NA BIBLIOTECA INFANTIL

A pesquisa aqui apresentada tem como um dos principais interesses valorizar a compreensão da importância da prática das artes visuais na educação básica, bem como as consequências dessa maneira de atuação do professor. Desta forma, neste trabalho, irei apresentar minha produção artística, mostrar os exemplos e as ideias de abordagens que podem ser realizadas em sala de aula usando as minhas obras como ponto inicial, como fator incentivador.

O fazer artístico é insubstituível para a aprendizagem da arte e para o desenvolvimento do pensamento/linguagem presentacional, uma forma diferente do pensamento/linguagem discurso, que caracteriza as áreas nas quais domina o discurso verbal, e também diferente do pensamento científico presidido pela lógica. O pensamento presentacional das artes plásticas capta e processa a informação através da imagem. (Barrosa, 1999. P.34)

Tive uma experiência durante minha formação que me fez testemunhar o valor da prática artística na formação do indivíduo. Meu segundo Estágio Supervisionado foi realizado na Biblioteca Infantil 104/304 Sul de Brasília, também chamada como escolinha da criatividade. Ela foi criada em 1969 e sua estrutura é um pequeno prédio projetado por Oscar Niemeyer, que consiste em biblioteca escolar comunitária e contém um acervo de mais de 10.000 livros infantis e cerca de 200 crianças frequentam essa instituição que é patrimônio do Governo do Distrito Federal - GDF. Em seu artigo que fala sobre a importância do projeto dessa Escolinha de Criatividade, as professoras da Universidade de Brasília, Rosana de Castro e Cristina de Campos Aspesi, registram um estudo documental e descritivo onde relatam os objetivos desta instituição.

O objetivo das ações da Biblioteca Infantil 104/304 Sul é a promoção de atividades culturais e pedagógicas características de uma biblioteca escolar comunitária, favorecendo a difusão de políticas públicas do livro e da leitura junto as unidades escolares da rede Pública de Ensino. Os objetivos específicos são: (a) proporcionar à comunidade o acesso ao acervo e aos serviços da Biblioteca infantil 104/304 Sul, na sua função de biblioteca escolar comunitária como espaço de leitura e formação de leitores; (b) desenvolver leituras, simbolizações culturais e linguagens expressivas diversificadas como fomento à expressão da criatividade de crianças e adolescentes de 06 a 14 anos por meio do projeto Escolinha da Criatividade; (c) promover parcerias entre a Biblioteca Infantil 104/304 Sul com outras instituições de ensino e pesquisa com vistas a desenvolver diálogos culturais, intercâmbios de saberes e processos criativos na cidade e (d) operacionalizar

a gestão pedagógica e administrativa da Biblioteca Infantil 104/304 Sul.
(CASTRO, Rosana. ASPESI, Cristina de Campos. 2021)

As crianças matriculadas na Escolinha assistem duas aulas intercaladas na semana com a duração de duas horas aproximadamente, as atividades são uma combinação de literatura com práticas artísticas. É selecionado um livro infantil que será contado aos alunos com o intuito de criar questionamentos e inspirar a criatividade, depois eles são direcionados ao ateliê para realizar uma atividade artística com tema relacionado à história contada.

Lembro muito bem de uma dessas histórias das aulas que presenciei na Escolinha da Criatividade, era sobre um menino rei que era dono do parquinho real onde brincavam várias crianças e cada uma com suas diferenças, mas o menino rei era muito preconceituoso e expulsava cada criança por aquilo que eram diferentes, um por ser chinês, outro por ser negra, outra por ser gorda, no final o menino se encontrava sozinho e sem amigos para brincar. Foi muito positiva a compreensão sobre o assunto, preconceito, que as crianças tiveram com a leitura, foi aberta uma discussão sobre a história contada e as crianças estavam todas preocupadas com as meninas e meninos expulsos do parquinho e bem chateadas com o comportamento do menino rei, logo depois eles foram fazer uma atividade artística que era pintar com tinta um autorretrato sobre o espelho e apreciar todas as suas diferenças, essa é uma das muitas atividades práticas que somente a arte pode proporcionar ao aluno, liberdade, se contextualizar e desenvolver uma consciência crítica.

Com esse estágio eu experimentei assistir o poder que a arte tem na emancipação do indivíduo, como a prática artística é um elemento impulsor dessa construção, dar a possibilidade do aluno se entender como pessoa e parte da sociedade em que vive.

Com meu relatório sobre o estágio concluído e toda a experiência que tive com a Escolinha da criatividade, pude constatar que presenciei o exercício do artista-professor, o qual utilizou as instalações educacionais da Escolinha, para construir o ateliê compromissado com a produção artística e com o desenvolvimento do aluno. Somente com o entendimento que as atividades práticas no ensino da arte é imprescindível, para a formação do indivíduo, que

a atuação do artista-professor nas escolas se torna possível. Desta forma, achei importante trazer minhas lembranças e memórias sobre a Biblioteca Infantil para ilustrar essa possibilidade.

1.2 AUTORRETRATOS NA EDUCAÇÃO

Trabalhos artísticos que nos dão a possibilidade de expressar o que vemos sobre nós mesmos mostram-se de grande valia dentro do ambiente educacional. Os alunos trabalharem com autorretrato na aula de arte é mais do que mostrar para as pessoas o que são, mas também é a oportunidade de fazer uma autoanálise, se conscientizarem do que eles acreditam ser, fazer uma reflexão dos porquês ele pensam assim de si mesmos, construir um pensamento crítico daquilo que os cerca e os influencia. Um convite para se entender através da arte, dá a oportunidade aos alunos de construir as suas identidades mais livremente, com um olhar mais crítico para identificar fatores externos que tentam mudar a forma como são criando a capacidade de percepção das influências negativas e positivas que os cercam.

Dentro da educação básica os jovens estão vivendo fases importantes para o amadurecimento e aceitação da própria imagem e a utilização do autorretrato como expressão artística se torna muito pertinente, pois a arte pode se tornar o veículo para que eles se libertem dos engessamentos e opressões sociais.

Não é novidade que os jovens gastam grande parte do seu tempo em redes sociais, aplicativos de celular, jogos, filmes, séries e televisão em geral. Em um artigo que contém o registro de uma oficina de autorretrato direcionado a mulheres como ferramenta de reumanização, Carlos dos Santos e Jefferson Valentin, discorrem sobre como todo esse aparato midiático, incluindo os ambientes virtuais muito frequentados por alunos, podem ser repressivos e ideológicos. Utilizando citações de Guareschi, Valentin e Santos, explica que esse sistema de opressão se estende também a própria família, igreja, sindicato, leis, teatro, jornais e inclusive a escola:

Na sociedade contemporânea, diversos mecanismos superestruturais foram criados e reafirmados para manutenção e reprodução da sociedade. Esses mecanismos que são fundados em bases ideológicas de uma elite dominante, atuam nos agrupamentos humanos como aparelhos de manutenção e reprodução da sociedade. (SANTOS, Carlos dos. VALENTIN, Jefferson. ?)

É visível que existe a necessidade da instauração de políticas e atividades escolares que visam promover a liberdade e emancipação do indivíduo, para que tenha a autonomia de se desvencilhar dos mecanismos superestruturais, que são armadilhas que oprimem o indivíduo, intrínsecos a todas as instâncias da sociedade, como vimos anteriormente elencados por Guareschi. Uma dessas medidas necessárias é a preparação dos professores para que tenham estratégias pedagógicas que busquem constantemente o objetivo de formar cidadãos libertos e capazes de tomar decisões conscientes. Paulo Freire fala sobre uma consciência prescrita, se referindo ao oprimido do sistema como aquele indivíduo que tem a sua consciência refém aos opressores:

Um dos elementos básicos na mediação opressores oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra que introjeta uma "consciência hospedeira da consciência opressora". Por isso, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles, as pautas dos opressores. (FREIRE, 1981, p.35).

Nós como parte da instituição de ensino temos que nos preocupar em mudar esse cenário de dentro das escolas com a intenção de que seus resultados ganhem repercussões externas também.

O autorretrato lida diretamente com a construção da identidade, sendo eficaz para o exercício de olhar para si mesmo, indo além, se tornando uma proposta de construção de você mesmo. Essa construção é um trabalho contínuo, um exercício, uma prática, pois junto com as modificações da identidade vai existir sempre uma atualização do autorretrato, sendo seu registro fundamental, não para apontar uma melhora do indivíduo, mas para marcar e conscientizá-lo dos percursos por ele vividos, compreendendo as origens do seu atual estado. A possibilidade de compreender o "Eu" e entender o porque se tornou isso, é parte da emancipação, liberdade de sua consciência. Freire fala sobre uma consciência prescrita, se referindo ao oprimido do sistema.

A construção da identidade do indivíduo é contínua durante toda a sua vida, de fácil mutação, não ficamos estagnados naquilo que somos muito pelo contrário, estamos sempre nos resignificando. A possibilidade de ter consciência de sua identidade nos fornece a oportunidade de escolher, definir os ciclos e caminhos que essa identidade vai transitar e seguir. Viviane Amaral, em sua proposta

pedagógica de Mestrado, que fala sobre o autorretrato no âmbito da educação fundamental como construção da identidade, explica exatamente isso. Na pesquisa a autora trata sobre como a nossa identidade é imaginária, ela está sempre passível de construções, desconstruções e reformas. Amaral cita Stuart Hall para ilustrar a característica volúvel da identidade.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (HALL, Stuart. 2006)

A partir de todo o exposto, nesta pesquisa, a proposição de um roteiro pedagógico para o uso do autorretrato como método nas aulas de artes, vai basear-se em: a) a construção da identidade e individualidade do aluno, a possibilidade dele se conhecer; b) a capacidade de percepção de tudo aquilo que o cerca, conseguindo se inserir como agente participante e integrante de um sistema social; c) reconhecimento de suas diferenças como indivíduo e o respeito das diferenças e diversidades que consiste toda a sociedade.

Um fator importante de trabalhar a identidade do indivíduo dentro das instituições de ensino é a possibilidade de compreensão da coletividade que a escola pode oferecer aos alunos e toda a comunidade participativa, porque quando tratamos de identidade, tratamos então de um elemento fragmento de todo um sistema, não se trata de uma busca unicamente individual, pois tudo que nos cerca e todo o coletivo que fazemos partes são componentes integrantes da nossa identidade. Desta forma podemos constatar que a identidade é algo complexo, vemos que o mundo como um todo, as pessoas, culturas e valores estão em constante modificação. Essas múltiplas transformações simultâneas interferem e influenciam na formação da identidade do indivíduo e este modifica a coletividade em que vive, a qual modifica os indivíduos que nela estão inseridos, criando uma cadeia sequencial, entrando em um ciclo de mutações. Quando se fala de arte no Currículo em Movimento do Distrito Federal, apresentado pela Secretaria de Estado de Educação do GDF, é expresso o interesse de utilizar a disciplina de artes como mediadora dessa compreensão de identidade:

Seguindo tal entendimento, as diversas manifestações da arte e da cultura formam um indivíduo plural, capaz de conhecer a história construída pela humanidade, o patrimônio do mundo e de se reconhecer como protagonista. A Arte, como forma de comunicar, criar e sensibilizar, cumpre seu papel de fortalecer laços de identidade do ser humano para que ele se caracterize como sujeito de sua própria história. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 57)

Essas consequências positivas, promoção do respeito pela diversidade, compreensão da sua individualidade e do coletivo que o cerca e o desenvolvimento do pensamento crítico, serão somadas com outras qualidades da própria atividade, como a produção artística dentro das salas de aula, ou seja, o fazer artístico, que traz o exercício da criatividade e a sensibilidade do aluno, como também a construção de diálogos sobre processos da criação da obra e do cotidiano vivido no ateliê do artista.

Também podemos apontar como outro ponto positivo de se planejar uma estratégia educacional onde o professor se apresenta também como artista e sua produção estão relacionadas à sua própria figura, sua vida, é aproximação do aluno com o professor, conseqüentemente da arte, proporcionando um desenvolvimento afetivo. O Currículo em movimento do Distrito Federal, expressa também a preocupação social em promover, através da educação artística, consciências com senso de equidade visando o favorecimento diversidade, cidadania, educação, direitos humanos e sustentabilidade:

[...] natureza das diferenças de gênero, de intelectualidade, de raça/etnia, de orientação sexual, de pertencimento, de personalidade, de cultura, de patrimônio, de classe social, de idade, de diferenças motoras, sensoriais, enfim, a diversidade vista como possibilidade de adaptar-se e de sobreviver como espécie na sociedade (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 41)

De acordo com as Atividades de Autorretrato realizadas para uma turma no nono ano do Ensino Fundamental durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, a professora Mariete Uberti relata sobre como as atividades levantaram questionamentos e problematizações que surpreenderam todos os envolvidos na pesquisa, Experiências de Aprendizagem com Autorretratos: Diálogo e Afetos na Educação em Artes Visuais.

Inicialmente os alunos se prenderam no conceito de que autorretrato são imagens de como somos, como nos vemos, conceito preso às características

físicas, mas durante a aula e com a troca e diálogo da docente com os alunos, que fez uma apresentação da vida, bibliografia, de artistas relacionados aos seus autorretratos, os alunos foram criando seus trabalhos mais livres desse engessamento de conceito e compreendendo as dimensões mais profundas que o autorretrato pode revelar de nós mesmos, não se limitando apenas às características físicas. Um dos trabalhos é descrito por ter impactado a pesquisadora, onde uma menina se desenhou com chifres e rabo, sua explicação para o trabalho foi que sua mãe a chamava de diabo da sua vida, podemos com esse exemplo ver quantas problematizações, diálogos e questionamentos podem surgir com o exercício desta temática.

Dentro de uma aula onde existe uma obra, que será usada como um ponto inicial, que vai incentivar a produção da turma, é possível entender também que haverá um diálogo por imagens. As composições visuais dessa aula vão estar sempre conversando entre si, independente de serem realizadas em grupo ou de forma individual, porque elas compartilham de uma mesma origem. O artista-professor embora tenha se posicionado primeiro, dando um ponto de partida para a construção dos trabalhos dos alunos, apresentando sua produção e estimulando que os alunos construíssem as suas próprias composições visuais, vai existir sempre um diálogo entre as imagens, de obra para obra, dos alunos com o professor.

1.3 ARTISTA-PROFESSOR

Quando o professor se apresenta como artista em sala de aula, apresenta também a possibilidade do aluno ocupar com ele esse papel. Desmistifica a condição de artista, aproximando ainda mais os alunos com a arte. O professor que mostra para seus alunos a sua produção como artista, cria em sala de aula a possibilidade de um diálogo crítico. Nesse diálogo com o professor, os alunos estarão conversando diretamente, não só com um artista, mas também com o próprio autor da obra que está sendo apresentada, abrindo espaço para uma conversa mais profunda, dúvidas e questionamentos que só poderiam ser sanadas com esse contato direto com o autor. Além disso, conseqüentemente, esse diálogo poderá ser um encorajamento para a realização de uma obra que será realizada pelo próprio aluno individualmente ou em conjunto com seus colegas.

Os rumos desta pesquisa e parte de meu interesse por desenvolver um discurso sobre esse tema foi reafirmado pela leitura que fiz da tese de doutorado “Extraclasse: Sondagem e escuta como métodos de invenção” feita pelo professor e artista Luiz Olivieri (2021). Sua tese é um Diário do artista-professor, onde ele relata os trabalhos artísticos que desenvolveu dentro da sua função como docente. Olivieri usa com frequência o termo artista-professor e professor-artista, sendo as ordens apenas questão de ênfase para o contexto, mas sem qualquer função hierárquica, muito pelo contrário, para ele são funções que se misturam que os termos poderiam ser facilmente substituídos um pelo o outro.

Como Olivieri, também utilizo os termos com frequência em minha dissertação, ainda somada com o artista-docente, utilizado por Marques em seu livro, *Ensino de Dança Hoje: textos e contextos*.

(...) o artista-docente é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos explicitamente educacionais.” (MARQUES, 1999, p. 112)

A utilização dos termos é importante para a transmissão da minha perspectiva do ensino das artes, sendo o artista-professor aquele que trás para dentro da educação, para as salas de aulas, suas produções artísticas e constrói projetos que incluem os alunos como participantes, colocando estes alunos, também em posição de produtores de arte, mostrando que eles também podem desempenhar o papel de artista na condição de aluno. Desta forma, os termos mostram uma junção, uma complementação da docência com a prática artística e afasta conceitos e ideias de que uma atuação poderia anular a outra. Kamila Debortoli (2018) fala, em seu artigo “Professor e artista ou professor-artista?”, que muitos profissionais da área Artes Cênicas não se sentem atraídos pela possibilidade de trabalhar como professor de Artes, alguns acreditam existir grandes limitações para o exercício do teatro dentro do ambiente educacional e outros consideram a modalidade do ensino curricular de teatro inferior a prática teatral, “como se o compromisso com a formação do sujeito comprometesse as qualidades artísticas do processo” (Debortoli 2018).

É uma realidade que existem algumas instituições de ensino que não reconhecem o verdadeiro valor da prática artística dentro da formação do indivíduo, portanto, essas instituições não têm interesse em investir ou se aproximar das produções culturais que acontecem dentro de suas comunidades. Além disso, é natural que o profissional, arte-educador, realmente irá encontrar mais limitações no ambiente educacional ao comparar com os locais e instituições direcionadas ao exclusivo exercício prático da arte. Mas não podemos generalizar, muitas instituições nasceram com ideais diferentes e dispostas a abraçar a prática artística como fator importante para a emancipação do indivíduo, podemos usar como exemplo o projeto da Escolinha Criativa, citado anteriormente, para ilustrar essa outra realidade.

Em sua pesquisa sobre o artista-professor voltado para o teatro, Debortoli cita Pupo para explicar que as artes cênicas no Brasil nasceram com o intuito pedagógico, voltado para a população indígena, com a intenção de catequização e ensinamentos religiosos, Anchieta, escreve textos e dirige apresentações teatrais em plena floresta. Pupo ainda esclarece sobre a natureza pedagógica do teatro:

Muitos dos diretores responsáveis pelas grandes transformações teatrais do último século, tais como Stanislavski, Grotowski ou Barba de certa forma foram também pedagogos. De modo radical eles sempre associaram a depuração de sua arte ao desenvolvimento pessoal daqueles que a praticam. (PUPO, 2001, p. 32).

Existe um dilema para aqueles que acreditam que a ação pedagógica associada com a arte estaria diminuindo a obra, inferiorizando o trabalho artístico por causa de seus compromissos com o ensino. Se formos pensar desta forma, todos os trabalhos artísticos, vinculados com a educação ou não, estariam perdendo grande parte do seu valor, pois está intrínseca a arte, faz parte da essência da arte e de qualquer obra, intencionalmente ou não, a sua função de desenvolvimento e construção do indivíduo e a transformação social. Negar essas características valorosas à arte, estaria então excluindo uma função e importância que ela carrega, reduzindo todo o seu significado e impacto social.

É importante lembrar que se levarmos em consideração a história geral da arte, veremos que muitas obras e artistas não tiveram a preocupação em desenvolver intelectualmente indivíduos, desta forma, nestas obras a pedagogia não está intrínseca. Porém a perspectiva que estou trazendo para a pesquisa é artista, assumindo a ideia de que em todas as situações a arte tem o poder de construir uma realidade, a qual pode aprisionar pessoas, sendo mais um meio de opressão, ou dar a liberdade para elas, para a construção e desenvolvimento social.

Não venho aqui criticar o professor de arte que é apenas professor, mas trabalhar com a ideia de que a sala de aula é espaço para práticas artísticas e para que o professor que é artista não seja artista apenas fora dela, mas que tenha o espaço e oportunidade de produzir cultura e arte junto com seus alunos. Pois a sensibilidade da arte tem muito a acrescentar para as instituições educacionais, para a sala de aula e para os alunos. Transformando a escola em palco e ateliê, caminhamos para essa possibilidade de encontrarmos um conceito híbrido que vive entre o “ser artista” e o “ser professor”. Ricardo Basbaum com o conceito do artista-etc, mesmo não direcionado apenas ao educador, consegue ilustrar com clareza a ideia do artista que é mais que artista, que é híbrido.

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista'; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos 'artista-etc.' (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc.) (Ricardo Basbaum. 2013)

Como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho é construir uma proposta de aula híbrida, onde eu ou qualquer outro artista-professor possa encontrar na sala de aula um espaço para produzir arte sem desvincular o compromisso com a educação do indivíduo, fazendo uma junção dos fazeres, sem a anulação de qualquer uma de suas partes, se tornando um artista-etc e construindo uma obrasistema, termo trazido por Edmilson Vasconcelos em seu artigo, As poéticas pedagógicas do artista professor, que utilizou também como impulsor a ideia de artista-etc de Basbaum.

O nome obrasistema tem como origem a “A Teoria Geral dos Sistemas” a qual foi iniciada por Ludwig Bertalanffy, biólogo austríaco, nos anos 50, que tinha uma ideia mais ampla e universal sobre sistemas, sendo definido como “uma associação combinatória de elementos diferentes”. Desta forma a soma dos átomos, moléculas, células, os organismos e toda a sociedade compila em um sistema, abraçando todas as possibilidades combinatórias. Pensando nesse conceito de sistema e a soma de todos os elementos que existem dentro da sala de aula, combinados com a prática artística e o interesse pedagógico na formação, Vasconcelos, cria o conceito de Obrasistema.

Este sistema em obra é um sistema aberto que permite a entrada de outros elementos, como o espectador e todo o contexto por ele considerado. Por sua vez, esta obrasistema deve ser vivenciada, problematizada e significada por imersão e performance. Qualquer outro agente interno ou externo a obrasistema ao se relacionar com ela incorporará em si sua instância sistêmica e artística tornando se elemento significante deste conjunto combinado. Estes fluxos de relações, interações, transformações e movimentos são descontínuos, imprevisíveis e variam entre a ordem, a desordem e a organização. (VASCONCELOS, Edmilson Vitória de. 2007)

Poderíamos usar também, como forma de nomenclatura, a ideia de artista-etc para intitular nosso projeto híbrido, da mesma forma que o artista-professor pode ser visualizado no conceito de artista-etc de Ricardo Basbaum, entendido como aquele artista que questiona a natureza de sua função, podemos chamar

de obra-etc, aula-etc ou obra-aula, já que estamos questionando a natureza deste projeto artístico pedagógico.

Nesta pesquisa, irei utilizar o termo obra-aula, por questões mais didáticas, acho mais clara e simplificada, já que o nome já sugere o seu significado, e por esse motivo tive mais afinidade com o termo.

O projeto de formação dessa obra-aula utilizará minhas produções artísticas realizadas em ateliê como impulsionadoras para a iniciação do trabalho artístico que será realizado em conjunto com a turma. O projeto deve ser inclusivo, pois tem o interesse de entregar o papel de artista para os alunos ocuparem, com o intuito de contarem sobre si mesmos. Neste caminho, nós, professores, vamos estar também ocupando outro papel, o papel de ouvinte.

Independente de se tratar de obras intimistas, autorretratos, ou outro tema das obras, os alunos agora deverão ser vistos na condição de artista. Junto com a construção da figura do artista-professor, agora temos a do artista-aluno, que produz obras e as apresenta na escola com o intuito de registrar ou expressar alguma coisa, contar para o professor ou seus colegas, acontecimentos do seu cotidiano e tudo que para ele for pertinente. Nós artistas-professores, devemos nos lembrar de que como artistas também somos observadores, ouvintes, apreciadores, lidar com os alunos que ocupam também essa posição de artista, é também entender que existe ali um diálogo de artista para artista, não somente de professor com aluno, um diálogo aberto e sem hierarquias.

A atuação do professor-artista caminha neste sentido, compreende processos criativos sólidos e sugere práticas pedagógicas que permitem aos alunos perceberem-se também como artistas, ou seja, estes tomam consciência de que são peças fundamentais para a realização do ato artístico. Os trabalhos e as discussões propostas pelo professor- -artista contribuem para a formação do indivíduo através do estímulo a autonomia crítica e interpretativa, permitindo que o sujeito repense através da prática teatral (produzir, vendo os colegas de sala - apreciar) a sua realidade (contextualizar). (DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. 2018)

CAPÍTULO 2

O segundo capítulo, inicialmente, vai tratar sobre o meus trabalhos artísticos, os quais serão utilizados como ponto de partida para a construção de um diálogo inicial, sendo prelúdio para proposta de ateliê que será proposta de ser executada como aula. Sequencialmente será apresentada cada obra, *Dia de Faxina* e *Almoço de domingo*, mostrando suas diferenças e apontando e esclarecendo os aspectos pertinentes que serão abordados na sala de aula, como os recursos técnicos, conceitos das obras, processo criativo e sua ligação com a história da arte. Por último será explicada a obra-aula.

1.1 MEUS TRABALHOS

Minha produção artística tem como foco expressar a minha vida e as influências dos acontecimentos externos no meu cotidiano. São trabalhos que têm assuntos intimistas e pessoais e em sua maioria se consistem em autorretratos, mostram tanto a construção da minha própria imagem e elementos do meu cotidiano como também os meus sentimentos.

Meus trabalhos apresentados nesta pesquisa, os quais serão usados como incentivo para iniciação de discurso e tema para a produção de obras de autoria dos alunos, serão trabalhos atuais e que falam sobre a pandemia e a reclusão que mundo teve que viver durante esse tempo. São duas produções artísticas que fazem parte de uma mesma série, Dia de faxina e Almoço de domingo. O fato das obras contarem sobre mim, foi natural transpor através delas alguns dos assuntos que me afetam, que me modificam, todos os acontecimentos que me provocam reações, como a problematização da pandemia por exemplo.

Esses assuntos, ainda que falem sobre mim, são assuntos universais e comuns a todas as pessoas, inclusive aos alunos, tornando então um tema pertinente e contextualizado para que eles também tomem propriedade dos assuntos para construir suas próprias obras. As produções artísticas que contém assuntos que fazem parte do cotidiano de todos, é um fator facilitador para que as pessoas falem sobre o assunto da obra, pois tem certa propriedade sobre o tema conhecido. Tomando a obra o *Dia de faxina* como exemplo, é conhecido que maior parte das pessoas tem contato com a limpeza de suas casas, ou realizada pela família em conjunto, por uma diarista, pelo próprio aluno, por um de seus pais, independente disso, o assunto é familiar, está presente no seu cotidiano também. Fazer com que o aluno reflita sobre o tema que pertence ao ambiente em que vive tema comum a ele, vai tornar possível muitas outras reflexões que antes poderiam ser consideradas de pequena importância.

Estas duas epígrafes sugerem a necessidade de estarmos atentos às mudanças, às rupturas e hibridismos que nosso momento sugere. Vivemos uma época de paradoxos: catástrofes, desastres, desesperança, mas

igualmente de crença no humano, na construção de processos de dignificação da vida, no estabelecimento de uma ética planetária. Frente aos paradoxos da vida, oscilamos, ora para um lado, ora para outro, buscando referências, processos, teorias, saberes, imagens, que façam sentido para nós. De forma metafórica, acontecem também no social e no cotidiano, onde eventos de forte carga emocional, adquirem um novo estilo, no qual “[...] a imagem, o simbólico, o imaginário, a imaginação voltam à cena [compondo] um mundo imaginal” (MAFFESOLI, 1995, p.89). (MEIRA, Mirela. SILVA, Ursula. 2013)

As obras foram realizadas durante meu penúltimo semestre onde eu tive que produzir meus trabalhos da disciplina de Ateliê 2. Como todo o sistema acadêmico teve que passar por uma adaptação para seu funcionamento a distância, com as minhas produções artísticas não foram diferentes, tive que encontrar recursos para serem concluídas em minha casa. Antes eu procurava meus assuntos em terceiros, hoje eu sou o meu assunto. Uma condição mundial me obrigou a sair da minha zona de conforto e me reinventar, eu encontrei em mim um assunto que eu poderia utilizar para produzir arte sem precisar ir a lugar algum. Essa é uma das melhores características das artes, o exercício constante da criatividade, sua flexibilidade e capacidade de recria.

Tornar-me assunto das minhas imagens, falar sobre mim e me expor, criou situações que me surpreenderam sobre conceitos que formei sobre mim mesma, caminhos antes não percorridos que me fizeram conhecer e pensar sobre mim, o surgimento de ideias que não existiam, ao mesmo tempo conseguir falar com propriedade sobre esses conceitos e ideias, pois a pessoa com maior autonomia e capacidade para construir a minha imagem e simbolizar os meus significados sou eu. O autorretrato é uma comunicação do íntimo com o público, uma revelação, uma confissão, uma reação do interno sobre o externo, seu registro.

Escrevendo minha monografia, estou também me posicionando sobre como vou me posicionar profissionalmente, manifestado minha opinião, registrando minha individualidade, expressando sobre o que sou, artista-professora, falando sobre aquilo que acredito, desta forma, posso colocar que pesquisas são autorretratos de seus autores, pois norteiam seus interesses e caminham por suas características.



Dia de Faxina. Imagem 1, 2, 3 e 4, respectivamente. 2020. Fotografia e Manipulação Digital. Monique Pires.



Dia de Faxina. Imagem 5, 6, 7 e 8, respectivamente. 2020. Fotografia e Manipulação Digital. Monique Pires.



Dia de Faxina. Imagem 9. 2020. Fotografia e Manipulação Digital. Monique Pires.

1.2 DIA DE FAXINA

Para entender o processo criativo de *Dia de faxina* temos que entender a minha busca por essa obra. O evento fotografado era um dia de faxina que minha irmã está dando em seu pequeno apartamento. Foi meu primeiro trabalho com tema cotidiano e intimista. Inicialmente, a escolha do assunto foi direcionada pela condição da pandemia, mas conseqüentemente, foram surgindo vários trabalhos, com eles desenvolvi a afinidade e interesse em continuar com o tema, independentemente da existência da quarentena, medida tomada para combater a expansão do contágio.

Mas digo, que quando encontrei a possibilidade de executar o *Dia de faxina* em específico, eu não tinha muitas opções, buscava por uma obra que atendesse minha vontade de usar a fotografia como instrumento artístico, mas onde eu iria fotografar e qual seria meu assunto ainda era uma incógnita para mim. O início

da preparação do meu ateliê foi entender que para a obra se materializar era preciso conhecer as limitações que envolviam sua execução naquele momento.

Fazer leituras, apreciar a arte e construir diálogos sobre a arte em meus círculos sociais, fazem parte do meu processo criativo. Em minha primeira aula de ateliê 2, apresentei um portfólio que continha meus trabalhos ao longo curso, em sua maior parte eram trabalhos fotográficos, a maioria com manipulação. Por esse motivo, meu professor de Ateliê 2, Vicente Martinez, me indicou como estudo algumas excelentes artistas fotógrafas que trabalhavam com o autorretrato e assuntos do cotidiano. A primeira artista que me chamou atenção foi Sophie Calle, ela tinha vários trabalhos fotográficos e ótimos livros de artista, que continham a associação da escrita com a imagem, tudo aquilo me aproximou ainda mais do tema do cotidiano. Ana Hupe (2009), em sua pós-graduação, fala sobre os trabalhos de Calle serem considerados arte do cotidiano, um movimento denominado por Philippe Dubois.

a relação imaginária de seu corpo com tudo o que o cerca, tudo isso sem cessar de utilizar a foto ou para elaborar por meio dela um questionamento da arte e de nossos pequenos ritos sociais . (DUBOIS, Philippe. 1993)

As imagens de sua obra, quarto 47, que realizou enquanto trabalhava como camareira em um hotel francês, foi o que me direcionou a produzir minha obra. Calle fotografou os pertences dos hóspedes do hotel, suas roupas, restos de comida, sapatos e objetos pessoais em geral. Observava a organização do quarto e toda a movimentação dos habitantes, depois ela escrevia o que pensava, imaginava quem poderiam ser essas pessoas, no final ela tinha construído, famílias, casais e pessoas solitárias, velhos e jovens. Achei muito interessante como todo o ambiente poderia criar uma concepção do ser que vive nele, apenas observando uma casa, seus cômodos, móveis e objetos, podemos inventar quem mora nela. A obra Dia de faxina nasceu com essas pretensões, criar uma busca investigativa do olhar, junto com uma construção narrativa da imagem.

Na época eu morava próxima a minha irmã, o trajeto eu fazia caminhando. Ela me convidou para fazer companhia enquanto passava suas férias em casa. Cheguei e ela estava fazendo uma faxina, mas a todo o momento parava o serviço da limpeza perdendo o foco com outras coisas bobas, mexer no celular,

brincar com a gata e jogar conversa fora. Estava ainda com as obras da Sophie na minha cabeça, junto com a intenção de produção, dentro de todo aquele contexto me veio à ideia, eu poderia imaginar minha irmã apenas observando tudo que continha nesse apartamento, ainda que ela não morasse ali.

Conhecendo minha irmã, como eu a conheço, ela seria o resultado da investigação que eu chegaria se fizesse o Quarto 47 de Calle no seu apartamento. Mesmo se eu não soubesse que ela morava naquele apartamento, eu poderia observar o ambiente e imaginar: A Carolina moraria aqui. Por esse motivo, anulei as características da minha irmã na série de imagens da obra, criando essa silhueta preta, uma interrogação na composição visual, convidando o observador a construir sua investigação pessoal e criar o seu próprio personagem que habita naquele ambiente do pequeno apartamento.

As fotos originais são arquivos em RAW produzidos pela câmera, são fotos coloridas, porém as obras fotográficas, que produzo, são, em sua maioria, fotos em preto e branco. Poderiam me questionar, porque eu não fotografo diretamente no preto e branco, mas gosto de manter o máximo de possibilidades durante a manipulação da imagem no computador, pois as experimentações dessa etapa fazem parte do processo criativo também, analisar a imagem em diferentes cores, com recortes, deformações, aproveitar da flexibilidade que os softwares de edição de imagem podem oferecer ao artista.

Eu uso na maioria das vezes as cores apenas quando elas têm uma carga simbólica e significativa, de forma pontual na imagem, neste trabalho não foi diferente, não achei necessário acrescentar nenhuma cor, a imagem ficou bem resolvida apenas no preto e branco. A escolha da cor preta para a silhueta foi para se sobressair, se separar, do ambiente que é em sua maioria claro. A utilização das linhas brancas de contorno foram colocadas para evidenciar as posições do corpo, mostrando os afazeres domésticos, se fosse apenas a mancha preta não seria de fácil compreensão a posição dos braços, os dedos segurando os objetos e dos contornos internos a silhueta nas diferentes partes do apartamento. Todas essas escolhas foram feitas de acordo com as

experimentações realizadas durante a manipulação da imagem no software, no computador.

Além do próprio assunto da obra ser um ritual do cotidiano, pois se trata de um dia de faxina, o processo criativo do artista também tem forte ligação com o seu cotidiano, evidenciando que práticas do dia a dia do produtor da obra, fazem parte da construção de todos os seus trabalhos artísticos. Tudo que envolve o cotidiano do artista interfere nas ideias e pensamentos criadores daquela obra, são ações e fazeres dos seus costumes habituais que mesclam com as etapas de seus projetos artísticos. Desta forma, o trabalho que fala sobre o cotidiano do autor, expressa também nas suas imagens partes importantes do seu processo.

O evento retratado no trabalho, os serviços domésticos de limpeza, me remeteu a um trabalho muito interessante que tive a oportunidade de conhecer na UnB. Fiz parte de uma equipe de curadoria que utilizou o espaço da FAU, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, para realizar uma exposição de arte, Os que habitam crônicas, organizada pelo professor Atila Regiane.

Danilo Piermatei, um dos artistas apresentados, trouxe para a exposição uma série de imagens intituladas *Dono de Casa, 2016*. A obra era um hibridismo entre a fotografia e a instalação. Eram expostas na parede fotos que mostravam os trabalhos domésticos em seus detalhes, falava de limpeza e do cozinhar. Em uma bancada eram expostas vasilhas com produtos químicos de limpeza, dentro das vasilhas tinha mais fotografias em posição diagonal, onde metade da imagem ficava mergulhada no produto de limpeza e a outra ficava livre do líquido, evidenciado pela parte mergulhada efeitos do produto na imagem, como seu desgaste e deterioração.

Piermatei também tem muitos outros trabalhos que falam sobre esse mesmo assunto, são obras pessoais, que retratam sobre o seu cotidiano, discutindo sobre o papel do homem nos serviços domésticos. Em sua monografia de bacharelado, apresentada na UnB, ele mostra um compilado de suas obras e a sua relação pessoal com o tema, questionando o quanto pode ser pertinente discutir sobre esse assunto que permeia a sociedade.

Se em tempos passados a vida da mulher comum estava predestinada ao encarceramento do lar pelas estruturas sociais que convencionam as práticas, o saber da cultura ordinária aprende os modelos a serem consumidos e reproduzidos, mas se adaptam conforme a singularidade de cada pessoa. A ruptura com esses códigos de conduta e as liberdades adquiridas nos tempos modernos, trouxeram mudanças importantes nas relações das mulheres com suas famílias e com o mundo. Do trabalho gratuito (ou forçado) nas cozinhas, ao emprego remunerado, o serviço doméstico, hoje, já não mais se faz exclusivamente pelas mãos femininas. As tarefas da casa agora compartilhadas entre os familiares, pelo menos no discurso, demonstram resultados de mudanças culturais e nossa adaptação a elas. Entretanto, vale ressaltar que a divisão do trabalho ainda é um tanto injusta, pois muitas mulheres, no acesso de suas liberdades, adquirem jornadas duplas (ou triplas) de trabalho: a do emprego e a da casa. (PIERMATEI, Danilo. 2018)

Em sua monografia, Piermatei, aponta aspectos dos afazeres domésticos, relacionados aos seus trabalhos, que contém pontos importantes sobre o significado social dos serviços de casa e sua ressignificação na atualidade. Assim podemos ver como uma obra que contém assuntos ordinários do nosso cotidiano se torna eficaz em levantar questionamentos sobre a cultura praticada dentro de casa, no seu dia-a-dia. Desta forma, compreendemos que levar o aluno a produzir uma obra, sobre o dia de faxina em sua casa, vai levá-lo também a refletir sobre a prática doméstica contextualizada para o seu cotidiano, pensar sobre as injustiças sociais relacionadas a ela e como um pensamento crítico pode desenvolver uma ação transformadora.



Dono de Casa. 2016. Fotografia e produtos de limpeza. Danilo Piermatei.

Outra artista que conversa sobre o seu próprio cotidiano e explorou assuntos como faxina, limpeza de casa, produtos de limpeza doméstica, é a Thalita Perfeito. Ela também estava participando da mesma exposição que o Danilo Piermatei, seu trabalho neste caso era *Sobre Desviar do Buraco e Cair no Glitter*.

Seus trabalhos normalmente levantam questionamentos sobre situações diárias, apontando pequenas coisas, as quais reinventa, mostrando outras possibilidades de construção. Em seu outro trabalho, onde montou um álbum de fotografia relacionado às coisas que fazem parte do seu cotidiano, ela realiza um autorretrato, vestida para limpar, equipada com todos os utensílios de limpeza, como se estivesse pronta para uma guerra, cercada pela casa bagunçada.



Álbum de Fotos. 2017. Autorretrato. Thalita Perfeito.



Almoço de Domingo. 2020. Fotografia e Manipulação Digital.

Monique Pires

1.3 ALMOÇOS DE DOMINGO

O assunto é um dia de domingo em família, composta apenas por mim e minha mãe, normalmente a mesa é cheia, mas também por condição da pandemia o cenário está diferente do habitual. O almoço era galinha caipira com quiabo, acompanhada de angu, arroz e feijão preto, prato típico de Minas Gerais, evidenciando a origem da família. Eu cozinho esporadicamente, quem exerce na maior parte essa função é minha mãe, principalmente quando se trata de algo difícil de cozinhar. A galinha caipira pode ficar dura se errar o tempo de cozimento, desta forma eu ajudo como assistente de cozinha. Assim eu descasco um alho, corto a cebola e outras pequenas tarefas que ela confia em mim e nas minhas capacidades culinárias, não que eu seja péssima, mas comparado com ela, eu poderia ser considerada sim. Temos mesa dentro da

casa, mas já é costume comer na varanda, mesmo em época de inverno, ocasião em que reclamo muito deste hábito.

Todas essas são informações contidas na obra, fazem parte da minha vivência, do meu cotidiano e da minha identidade, são significados e símbolos que descrevem um comum, um ordinário, mas que se converge com muitas outras cargas culturais formando a minha individualidade. Dentro desse trabalho está um fragmento da minha identidade, nos outros trabalhos da série, contém outros fragmentos, cada trabalho de autorretrato pode contar sobre as diversas partes que uma pessoa é composta, mas ainda assim, um compilado de autorretratos não seria capaz de descrever uma pessoa por inteiro, pois como vimos anteriormente, existe a característica contínua da identidade, ela está sempre em movimento.

O Almoço de domingo ser representado por frames, foi na intenção de criar vários fragmentos, para que cada foto fosse um momento. Da foto 1 até a foto 16, mesmo se tratando do mesmo evento, são momentos diferentes, com suas singularidades, transformações, posições que faz dela algo único no conjunto de imagens, simbolizando a fluidez e continuidade da construção da identidade. Para acentuar isso, a câmera foi configurada para fotografar imagens de longa duração, dando o efeito borrado do movimento, marcando o percurso do corpo durante o almoço, fazendo uma relação de tempo e espaço.

Também movido pelos trabalhos de Sophie Calle, como toda a série de obras produzidas durante o Ateliê 2, Almoço de domingo é o quinto e último trabalho da matéria. Escolhi este trabalho para ser abordado na obra-aula, porque como o Dia de faxina, ele tem grande potencial para levantar questões acerca do cotidiano. Obras de arte que retratam assuntos ordinários a todos os seus observadores provocam um questionamento sobre a vida de todo mundo.

Quando observamos uma obra que expressa um grande feito, um marco histórico, um acontecimento extraordinário, podemos nos isentar de argumentar sobre a nossa realidade, apenas admirando algo que para nós é distante. A obra do cotidiano é uma flecha certa, direta e objetiva para o observador contemporâneo. Ele vê que uma parte sua, uma parte do seu dia,

está representada bem ali, em uma obra, a qual pode ter sido elevada a uma exposição em museu, agregando valores ao assunto que antes, para ele, não era relevante. Uma prática do cotidiano que era pequena e comum continua pequena e comum, porém significativa.

Calle faz a partir de fotografias do que antes era considerado tão ordinário e indigno de um clique (como uma ida à padaria) uma tentativa de resgatar um significado. É como se ela gritasse ao mundo que deve-se voltar os olhos às possibilidades que objetos sem significância remetem. Da imagem de um referente banal como uma xícara, experiênciam-se um encontro "real". (HUPE, Ana. 2009)

Almoço de domingo será ferramenta de mediação para que os alunos contem sobre si mesmos para o professor e para a turma. É importante os profissionais das instituições educacionais entenderem que o aluno é um indivíduo com grande carga cultural, eles trazem para dentro da sala de aula elementos sociais e culturais que existem fora da escola, que fazem parte da sua rotina, família e círculos sociais. A escola é apenas uma parte da construção complexa da identidade do aluno, desta forma, podemos constatar a importância da obra-aula, Almoço de domingo, ser um diálogo do coletivo externo a sala de aula, levando o aluno a transitar não apenas sobre práticas escolares, e permitindo também que a escola conheça seus alunos, suas singularidades.

O ensino de arte na escola precisa, então, considerar esse cotidiano, que acontece fora da escola, mas do qual as pessoas fazem parte, ou melhor, o qual faz parte das pessoas. Não é possível ver alguém por inteiro, entender o aluno, como ele pensa, significa e expressa o mundo, se retirarmos tudo o que o caracteriza no seu dia a dia. Assim, é a partir destas imagens que estão inseridas no olhar e no imaginário destes estudantes que o professor deve elaborar suas ações no âmbito da arte. É tratando da cultura a partir dela mesma, de dentro, desde o que transborda de referenciais advindos da mídia, da televisão, da internet, se utilizando dos suportes mais variados para produzir arte: desde o papel ao celular, não se esquecendo do corpo, que sente, que vibra, que ocupa o espaço, que desenha com gestos no ar, que pinta com dedos, com pés, com pele. E também da natureza, do mundo, de tudo o que nos envolve que também é tema e suporte para criar. (MEIRA, Mirela. SILVA, Ursula. 2013)

Existem várias obras de arte que utilizam da ação de comer, o elemento comida, costumes e hábitos das refeições como tema da sua composição visual. Fatores como, o local onde se come, como é posta a mesa, o que está sendo servido, as pessoas que estão fazendo parte do almoço, qual o horário, se assistem televisão enquanto comem, se a família é grande, se o aluno come

sozinho, são potenciadores de questionamentos, argumentos e revelação acerca do indivíduo.

Pelo comportamento majoritário, existe popularmente a cultura do almoço de domingo ser em família, mas é óbvio que não é a realidade de todos os domingos, ou da maioria dos domingos de todos os alunos. A obra-aula, almoço de domingo, vai possibilitar que o aluno expresse suas singularidades culturais e práticas familiares construtoras da sua identidade, além também de conhecer esses mesmos aspectos da coletividade escolar em que está inserido.

A refeição é um ato necessário à sobrevivência humana, por esse motivo ela está intrínseca na nossa cultura, e contém concepções antigas que vão se repetindo até hoje. Construir uma consciência sobre as estruturas sociais que envolvem os rituais ordinários do cotidiano, ajuda o aluno a entender aspectos sociais que vão além da ação de comer, obtendo um pensamento crítico sobre as bases e estruturas ideológicas sob a qual a sociedade está construída.

Segundo o antropólogo inglês Edmund Leach, ao observar um grupo de pessoas à mesa, é possível dizer quem é o chefe da família e quem é o convidado, pela maneira de se comportarem ou pela posição na mesa.

Deste modo, a refeição apresenta sua dimensão ritual, pois é constituída de atos simbólicos, cujos significados são partilhados por seus participantes. A comida está relacionada aos laços sociais, pois evoca lembranças, emoções e sentimentos que nos remetem às memórias do passado e dos indivíduos com quem nos relacionamos. Além de reforçar os vínculos que unem os membros de uma família, a comensalidade também expressa tensões, conflitos e distinções entre familiares. Como ensina Douglas, a comida é um código, cuja mensagem trata de diferentes graus de hierarquias, de inclusão e exclusão, de fronteiras e transações através das fronteiras” 10. Assim, as refeições podem reproduzir simbolicamente as relações de poder e posições hierárquicas entre indivíduos de um mesmo grupo social. (ASSUNÇÃO, Viviane. 2008)

1.4 OBRA-AULA

Antes da execução da obra-aula, primeiro é necessário que exista duas aulas preparatórias e explicativas para que os alunos aprendam a utilizar as ferramentas que serão usadas no ateliê. Essas duas aulas vão ser úteis para todas as atividades que irão decorrer das obras apresentadas, tanto *Dia de faxina*, como *Almoço de domingo*.

Como se trata de um autorretrato fotográfico, a primeira aula preparatória terá como conteúdo informações e instruções que ajudarão na utilização da câmera fotográfica. Os alunos terão contato com as ferramentas necessárias à fotografia, para que desta forma, seja possível que eles entendam a manipulação da captação da luz com o instrumento fotográfico. As maiorias dos jovens utilizam o celular para fotografar ou registrar alguma coisa, sem compreender como funciona todo o aparato fotográfico. Um ateliê tem que ser espaço para que se aprenda sobre os elementos e materiais utilizados, conseguindo então o domínio esperado para a sua execução da atividade. Desta forma, é de suma importância os alunos alcancarem a consciência de todos os processos de sua produção artística.

Para mostrar à turma o funcionamento da fotografia, é interessante apresentar o surgimento da estrutura da câmara escura, história da fotografia, desta forma, irá facilitar a explicação para que eles compreendam o triângulo de exposição, o controle da velocidade do obturador, abertura do diafragma e ISO, todo o funcionamento que envolve a fotografia.

A segunda aula preparatória também se trata de um ponto importante para a atuação do aluno no ateliê, pois antes que se inicie a obra, tem que existir uma aula direcionada a esclarecer as ferramentas básicas necessárias para a utilização do software escolhido que será o meio de manipulação da imagem no computador, neste caso é o Gimp. Este programa foi escolhido por ser um software livre, dividindo uma concepção de conceito democrático do conhecimento e domínio tecnológico.

De fato, a característica fundamental do software livre – liberdade – se mostra muito importante para os avanços na educação brasileira. A

possibilidade de adaptação e flexibilização de programas livres educacionais às necessidades de educadores e estudantes, que se traduz pela supracitada liberdade tecnológica e educacional, vai de encontro aos desejos de Paulo Freire da existência do diálogo entre quem ensina e quem aprende e da democracia na pedagogia. (FERREIRA, Juliano. data??)

Informação e conhecimento são fatores relevantes para a preparação do Ateliê. Depois das duas aulas preparatórias e explicativas, podemos lecionar a primeira obra-aula, que de forma simplificativa será dividida em 4 etapas.

Primeira Etapa

Neste momento é apresentado as obras, *Dia de faxina* e *Almoço de domingo*, como maneira de expor as duas funções que o artista-professor irá trabalhar dentro da sala de aula. Quando forem apresentadas as composições visuais é necessário que se explique os elementos contidos nas imagens, os materiais utilizados para a execução da obra, como também o processo criativo de cada uma delas.

O ideal é que nesta primeira etapa também sejam apresentadas as obras dos artistas pares do trabalho do artista-professor, mostrando as obras referências. Neste caso, os alunos terão que conhecer também os trabalhos artísticos de Sophie Calle e Danilo Piermatei.

Antes que se comece a realização de seus próprios trabalhos, os alunos já terão conhecimento e informação sobre o uso do cotidiano como assunto de obras de arte, a utilização de temas pessoais e intimistas, como o autorretrato, e os questionamentos sociais levantados por esses artistas. É importante que as ações que irão acontecer dentro do ateliê sejam conscientes.

Quando se diz em conhecer arte, fala-se de um conhecimento que nas artes visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a história da arte e sua apreciação; esse conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da codificação e da informação. Só um fazer consciente e informado torna possível a aprendizagem em arte. (BARBOSA, 1999, p.31-32)

Segunda Etapa

Agora vamos apresentar aos alunos as atividades, do projeto obra-aula, que serão realizadas por eles, que terá como resultado a sua própria obra de arte. É imprescindível que eles entendam que têm liberdade de criação, da mesma forma que foram apresentadas obras diferentes, de artistas diferentes, mas que compartilham de um mesmo assunto, eles irão criar o seu próprio Dia de faxina e Almoço de domingo com suas peculiaridades e singularidades, tanto nos elementos que compõe a imagem, como também nos aspectos estéticos da obra. Desta forma, a combinação de fotografia e manipulação, como instrumentos de ateliê, vão dar infinitas possibilidades de experimentação e composição da imagem.

O importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem. (BARBOSA, 1999, p. 107)

Terceira Etapa

Essa parte consiste em receber as obras dos alunos, os quais irão apresentar o seu próprio trabalho e também apreciar o conjunto de obras da turma. Neste momento é hora de levantar os questionamentos sociais acerca dos trabalhos por eles apresentados, em uma conversa aberta com trocas de informações sobre o processo artístico de cada um, a experiência que tiveram durante a execução da obra. Construir um espaço para que os alunos conversem sobre o resultado da atividade, a materialidade do seu trabalho, suas percepções sobre a singularidade da sua obra e quais opiniões foram construídas observando um coletivo social de informações formadas pela turma.

A construção do conhecimento só tem sentido mais amplo quando socializado, compartilhado com as pessoas. Para tanto, é preciso que nossas práticas pedagógicas estejam fundamentadas em ações flexíveis, democráticas e principalmente comprometidas, considerando cada aluno como um ser único num universo de muitas diferenças. (MAKOWIECKY, Sandra. 2008)

Quarta Etapa

O artista-professor tem agora um conjunto de obras diversificadas, produzidas pelos seus alunos, cabe a ele aproveitá-las para promover a arte em toda a instituição de ensino. Tendo seus trabalhos expostos, abertos para a apreciação de todo o coletivo escolar, o aluno vai sentir o seu esforço

reconhecido, desta forma, consolidando o seu papel de artista-aluno. A exposição dos trabalhos vai encorajar o aluno a se dedicar ainda mais às práticas artísticas.

Construir e preparar com a escola um lugar para a exposição de arte aumenta a dimensão do projeto convidando outros indivíduos a participar junto com a turma, agora como observadores e apreciadores. Esse ambiente de galeria dentro das escolas constrói no aluno o hábito de apreciar a arte, de visitar outras exposições além dos limites da escola. Daniela Rocha (2013), em sua monografia, *O espaço expositivo das produções artísticas dos alunos nas escolas do Município de Maracajá*, fala e relata a importância do ato de expor nas instituições de ensino. Ela cita Bugmann para ilustrar seu discurso:

A intervenção no cotidiano faz a obra ser vista. Assim, uma das grandes finalidades da exposição dos trabalhos artísticos dos alunos consiste em propor às pessoas que parem, observem, analisem e construam sua concepção sobre a arte. Olhar, analisar, comparar e refletir constitui já um exercício de leitura de imagem. A familiarização com a exposição, a atitude de observador permite uma naturalização do costume de visitar exposições facilitando a procura ou aceitação dessa atividade até fora do contexto escolar. (BUGMANN, 2006, p. 03).

CONCLUSÃO

A educação faz parte da formação de qualquer profissão, portanto, a preocupação em desenvolver práticas eficazes na construção de cidadãos conscientes trará consequências positivas a todos os âmbitos do país, não se limitando às instituições de ensino. Mas infelizmente, como falado anteriormente, cargos políticos importantes para a promoção de investimentos na educação do país, são ocupados por pessoas desinteressadas em desenvolver um ensino democrático e acessível à população, pessoas que se legitimam no poder justamente praticando o contrário, disseminando a desinformação.

A formação de uma sociedade que além de conhecer a importância do ensino, também luta pela educação, fica sob responsabilidade das instituições educacionais, escolas, universidades e outros centros de formação, sendo que é um posicionamento que deveria ser reafirmado por todas as áreas governamentais. O Brasil se apresenta desta forma como país em que o sistema público se torna composto por antagonismos. O mesmo estado em que o governo se insere é aquele que contém todas as universidades e escolas públicas. Desta forma, vimos o próprio ministério responsável pela educação tomar medidas que a precariza, desvaloriza suas instituições, se referindo a elas com termos pejorativos, fazendo com que as próprias instituições se manifestam contra seu Ministério, aquele deveria promover sua proteção e continuidade.

Mas é simples refletir que para entender de fato as necessidades das instituições, apenas é possível quando se vive a educação dentro delas, como discente, docente e outros profissionais que compõem as escolas e universidades. Por esse motivo, acredito que são essas as pessoas que deveriam ter mais voz, decidir sobre as medidas tomadas que afetam suas estruturas e formações, não sendo apenas indivíduos passivos as decisões realizadas por agentes externos a elas, que não vivem e nem conhecem sua realidade. Na UnB tive a oportunidade de conhecer uma comunidade

universitária consciente e informada e que luta para que o ensino seja acessível a todos, uma educação transformadora.

O ponto inicial que conduziu esta pesquisa foram as minhas experiências pessoais dentro da educação, no ensino médio, e também como aluna na minha formação de licenciada em artes visuais pela UnB. Esta monografia buscou construir a qualidade da profissional da educação que eu quero ser, artista-professor se torna o alvo, como uma peça importante dentro de todo o movimento transformador, a comunidade escolar, modificando positivamente a realidade vivida por mim.

A atuação do artista-professor envolve a consolidação de práticas importantes que valorizam a atuação das artes na formação do indivíduo e na escola. Para que o artista-professor possa agir dentro da escola como tal, ele precisa ter liberdade de transformar o espaço da sala de aula em um ateliê acessível e democrático aos alunos. O projeto da obra-aula tem exatamente esse objetivo, tornar possível sua atuação, a execução da ação artística pedagógica do artista-professor. Ação que envolve vários aspectos que dialogam sobre a importância da arte na educação e na emancipação do indivíduo em geral.

A apropriação do espaço da sala de aula, no qual se desenvolve um ateliê acessível aos alunos, democratiza a produção cultural, dando a oportunidade dos alunos junto com o professor viverem o papel do artista. Tanta essa acessibilidade e a execução de atividades práticas, permitem que o aluno compreenda a relevância da arte como expressão e agregador cultural da sociedade em que está inserido. A arte tem o poder de emancipar a consciência do indivíduo, que por meio da sua prática, irá desenvolver pensamentos críticos e questionadores das estruturas ideológicas que fazem parte do seu cotidiano.

A utilização do cotidiano e temas intimistas, como autorretrato, sendo usado como elemento da obra-aula, será agregador positivo as ações do artista-professor, pois vai promover a reflexão dos alunos sobre suas práticas culturais e desenvolver sua percepção de identidade, tomando consciência das suas individualidades e da coletividade em que está inserido. Vimos, anteriormente,

que essas práticas influenciam o desenvolvimento de comportamentos que respeitem a diversidade, sustentabilidade, direitos humanos e outros comportamentos que promovem a capacidade de viver melhor em sociedade. A educação e a arte são impulsoras da transformação social, os profissionais do ensino acreditando nessa mudança, são as peças principais para a concretização de uma nova realidade.

Acredito que uma pesquisa não tem que findar um assunto, mas abrir caminhos para que se iniciem muitos outros estudos a partir delas, essa monografia não tem a intenção de ser diferente disso. O conteúdo explorado aqui é extenso, com muitas possibilidades de abordagem. Desta forma, meu interesse com essa pesquisa continua, pois acredito que alguns aspectos ainda devem ter um maior aprofundamento. A construção de espaços expositivos dos trabalhos de arte nas escolas, a arte como elemento construtor e revelador de identidades, arte e cotidiano, são assuntos que vou explorar com pesquisas e experimentos em ateliê, minhas produções de arte.

O artista-professor, especialmente, o qual tenho muito carinho, quero perpetuá-lo além de minhas formações acadêmicas, pois é mais que um estudo, é minha maneira de atuação. O apreço por esse tema eleva a minha vontade, um sonho, de ser professora universitária, e ajudar na formação do profissional artista-professor. Quero ser elemento participante dessa construção, ajudando pessoas que como eu, acreditam no poder transformador da arte e da educação, artistas e professores que estão dispostos a lutar e manter, em qualquer espaço, sala de aula ou ateliê, a liberdade de exercício das práticas artísticas e o compromisso com o desenvolvimento do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidente (2018-2021: Jair Messias Bolsonaro). Discurso direcionado a imprensa e apoiadores em uma de suas voltas ao Palácio da Alvorada. Quinta -feira, 16 setembro. 2021,

MEDIDA PROVISÓRIA nº 746 de 2016

<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>

SAYÃO, Bruno. Arte, Educação e Liberdade: um olhar a partir de Sérgio Ferro e Paulo Freire. Revista Arte e ConTexto, V.6, Nº16, dezembro, Ano 2019.

Disponível em: <http://artcontexto.com.br/portfolio/arte-educacao-e-liberdade/>

BIESDORF, Rosane Kloh. WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. Revista eletrônica do curso de pedagogia do campus Jataí - UFG. Volume 2 nº 11, 2011.

UBERTI, Mariete Taschetto. FERNANDES, Rute Abadie. MESSERCHIMIDT, Thamires Bibiane da Silva. Experiências de Aprendizagem com Autorretratos: Diálogo e Afetos na Educação em Artes Visuais.

Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/65.pdf>

DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. Professor e Artista ou Professor-artista? (2018)

MARQUES, Isabel A. Ensino de Dança Hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

ASPESI, Cristina de Campos. CASTRO, Rosana de. Escolinha de Criatividade: um projeto de enriquecimento escolar em uma biblioteca escolar-comunitária em Brasília. Revista Ibero-Americana de Criatividade e Inovação, 02(04):212-231, 2021.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Além das Dicotomias. Seminário Nacional de Arte e Educação. Educação Emancipatória e Processos de Inclusão SocioCultural, 2001, Montenegro, RS. Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro, RS: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2001.

VASCONCELOS, Edmilson Vitória de. As poéticas pedagógicas do Artista-professor. Anpap, 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, 2007.

AMARAL, Viviane Patrícia Pimentel. Autorretrato como construção da identidade: uma ação educativa em artes visuais para o ensino fundamental. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes, Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Artes. 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos. Brasília, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos. Brasília, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 10 ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1981.

SANTOS, Carlos Antônio Oliveira dos. VALENTIN, Jefferson. A arte-educação e o autorretrato: ferramentas artísticas no processo de reumanização da mulher. V Conedu, congresso nacional de educação. ?

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVIERI, Luiz. Extraclasse: sondagem e escuta como métodos de invenção. Tese de Doutorado em Artes Visuais, Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

MAFFESOLI, Michel. A Contemplanção do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MEIRA, Mirela Ribeiro. SILVA, Ursula Rosa da. Cultura Visual, ensino da arte e cotidiano: Hibridismos e Paradoxos.

DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico e Outros Ensaio, tradução de Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papyrus, 1993. – (Série Ofício de Arte e Forma) Pág. 279.

HUPE, Ana Luiza. O uso da fotografia em partes artísticas de Sophie Calle. SPA, III semana de pesquisa em artes, processos artísticos contemporâneos. Programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Uerj. 2009.

PIERMATEI, Danilo Alberto Gonzaga. Travessias: entre memórias de cozinhas e gestos. 2018. 96 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Plásticas)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski. Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. Caderno Espaço Feminino, v.19, n.01. 2008.

LEACH, Edmund. Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados – uma introdução ao uso da análise estruturalista em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MAKOWIECKY, Sandra; RAMALHO, Sandra; OLIVEIRA. Ensaio em torno da arte. Chapecó: Argos, 2008.

BUGMANN, Sandra Regina Cláudio. UNIrevista: O espaço da arte na escola: a exposição dos trabalhos artísticos dos alunos.V.1.Blumenau,SC;2006.

OLIVEIRA, Daniela Rocha de. O espaço expositivo das produções artísticas dos alunos nas escolas do município de Maracajá. Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma, 2013.

FERREIRA, Juliano Gomes. Vantagens e dificuldade na relação software livre x educação.